



F a c u l d a d e
Albert Einstein

**Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Língua Portuguesa com
ênfase em Produção Textual**

Iramar Borges de Oliveira

**AS INFLUÊNCIAS DO ESTRANGEIRISMO NA
LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL**

Brasília

2009

IRAMAR BORGES DE OLIVEIRA

**AS INFLUÊNCIAS DO ESTRANGEIRISMO NA
LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade Albert Einstein,
em cumprimento parcial às exigências do
Curso de Pós-Graduação *latu sensu* em
Língua Portuguesa com ênfase em
Produção Textual, para obtenção do título
de Especialista.

Orientadora: Mestre Helena Roriz Taveira

Brasília

2009

*Agradeço a Deus, por ter me dado forças
nesta nova conquista, a meus filhos, a
meu marido, a meus pais, a meus irmãos
e a meus amigos, que souberam
compreender a minha ausência.
Agradeço também à Professora Helena
Roriz, que, com paciência, me orientou na
elaboração desta monografia.*

“A língua não se impõe ao indivíduo: o indivíduo dispõe dela para manifestar sua liberdade de expressão”.

Eugênio Coseriu

RESUMO

Pesquisa realiza uma reflexão acerca das influências do estrangeirismo na língua portuguesa, sobre seu uso e abusos. Mostra que os empréstimos linguísticos contribuem para a composição lexical de uma língua e para seu enriquecimento. Esses novos vocábulos são resultantes das relações políticas, culturais, econômicas, relações atualmente mais estreitadas em virtude da globalização. O uso do estrangeirismo na língua portuguesa tornou-se comum, trazendo novas palavras, novas expressões. A incorporação do estrangeirismo em uma língua é um fenômeno sociolinguístico inevitável e está ligado ao domínio de um idioma sobre outros, sendo o inglês, atualmente, o que mais exerce influência na língua portuguesa. Mas o uso exagerado do estrangeirismo tem sido objeto de discussões, as quais foram abordadas no presente estudo. Como referência foi adotada a obra “Estrangeirismos: guerras em torno da língua”, de Carlos Alberto Faraco (org), entre outros livros e artigos extraídos da internet, bem como o projeto de lei do Deputado Aldo Rebelo, que visa proibir o uso exagerado do estrangeirismo no Brasil. Constatou-se que o uso do estrangeirismo é inevitável, devendo ser aceito, desde que sem abusos.

Palavras-chave: língua portuguesa; influências; estrangeirismos.

ABSTRACT

Research performs a reflection on the influences of the foreign words in the portuguese language in Brazil regards its excessive usage. It demonstrates that the borrowing of linguistics contributes to a lexical structure of a language and to its enrichment. These new words are the result of the political, cultural, and economics relations that are closer with the event of globalization. The use of foreign words in the Portuguese language became natural, bringing new words, new expressions. The incorporation of foreign words in certain languages is an ancient social-linguistic phenomenon and it is connected to some sort of domain by a language over others, and the English recently is the one that mostly has a more powerful influence in the Portuguese. However, the excessive use of foreign words has been the motive of controversies which were discussed in the present study. The book “Foreign Words: War on the languages” by Carlos Alberto Faraco has been used as reference (org), among other books and articles retrieved from the internet and the bill by the congressman Aldo Rebelo whose objective is to prohibit the excessive use of foreign words in Brazil. It is understood that the use of foreign words is inevitable, and it must be accepted but only without excess.

KeyWords: portuguese language; influence; foreign words.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
1.1 O Problema.....	8
1.2 Justificativa.....	8
1.3 Objetivos.....	9
1.3.1 Objetivo geral.....	9
1.3.2 Objetivos específicos.....	9
1.4 Metodologia.....	9
2. ORIGENS E EVOLUÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	10
2.1 O surgimento da língua portuguesa.....	10
2.2 A evolução da língua portuguesa.....	12
3. A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL.....	13
3.1 Fatos históricos.....	13
3.2 As principais características do português no Brasil.....	14
3.3 O estrangeirismo na língua portuguesa.....	15
3.4 As principais contribuições à língua portuguesa no Brasil.....	15
4. O USO E OS ABUSOS DO ESTRANGEIRISMO NO BRASIL.....	18
5. CONCLUSÃO.....	31
6.REFERÊNCIAS.....	35

1. INTRODUÇÃO

A linguagem é a faculdade do ser humano de se expressar, é uma característica que o diferencia dos outros animais. Ela permite que o homem se comunique, formule leis, crie noções e entre na essência dos fenômenos. A linguagem serve o pensamento, o qual, sem ela, jamais poderia existir. E a língua é o mecanismo de linguagem utilizado por um grupo de indivíduos para transmissão de idéias, de pensamentos.

A vida do homem está intimamente associada ao processo de comunicação, cujo aprimoramento acompanha a própria evolução humana. Ao se relacionar com o mundo, ele aperfeiçoa e multiplica a sua capacidade de comunicação.

As palavras são a matéria-prima dos idiomas e é por meio delas que se percebe a expansão social, econômica e científica de um povo. Elas são criadas de forma consciente para nomear as coisas e, com o passar do tempo, sofrem modificações fonéticas, evoluindo o seu sentido espontaneamente.

Assim como todos os idiomas, a língua portuguesa sofreu uma evolução histórica, sendo influenciada por vários idiomas e dialetos até chegar ao estágio em que se encontra atualmente. Pode-se observar, nesse processo de evolução, que muitas palavras desapareceram, enquanto novas surgiram. É um processo que nunca tem fim.

Não se pode falar em língua pura. Pode-se falar apenas que uma língua é menos ou mais influenciada por outras. E a língua portuguesa não é diferente: é heterogênea e variável. No Brasil, em virtude da demografia histórica, da escravização dos negros africanos, do contato com os indígenas, e do contato com várias outras nações, a língua portuguesa também sofre diversas influências.

O estrangeirismo é uma constante nos processos culturais de todo o mundo, provenientes de colonização, miscigenação, das mudanças sociais. E é nos dias atuais, em virtude da globalização, que se vem permitindo, cada vez mais, a troca de informações entre falantes das mais variadas línguas.

Visando uma reflexão a respeito das influências do estrangeirismo na língua portuguesa no Brasil, foram realizadas pesquisas bibliográficas e pesquisas na internet, em que o assunto é abordado por linguistas, gramáticos, escritores, publicitários, jornalistas e políticos. Também foi discutido o Projeto de Lei 1.676/99,

do Deputado Aldo Rebelo, com citações de alguns de seus artigos, da sua justificativa, bem como trechos de entrevista com o deputado.

O presente tema foi introduzido após uma abordagem sobre o surgimento e a evolução da língua portuguesa, que se originou do indo-europeu, por volta do século VII a. C, na região do Lácio, sul da Itália.

Em seguida, foram apresentados os fatos históricos referentes à língua portuguesa no Brasil, suas características e as várias contribuições para sua formação, passando-se às influências dos estrangeirismos, seus usos e abusos, alvo de inúmeras discussões.

Nos itens que se seguem, são apresentados o problema, a justificativa, os objetivos, bem como a metodologia da presente pesquisa.

1.1 O problema

O uso do estrangeirismo deve ser proibido no Brasil? É essencial para a língua portuguesa? Pode ser desprezado? Esses os problemas identificados no presente estudo.

1.2 Justificativa

A língua, que é dinâmica, viva, está – cada vez mais – sujeita a constantes transformações. E com a língua portuguesa não é diferente. Ela sofre influências de outras línguas, e também as exerce sobre outros idiomas.

A língua portuguesa, falada em Portugal, já havia sofrido influências de várias línguas, entre elas, a itálica, a francesa, a árabe, a germânica. Assim, a língua portuguesa no Brasil, a partir da colonização, fez aquisições da língua portuguesa de Portugal – já com bastantes influências –, da africana, da língua tupi, entre outras. Essas influências não alteraram a estrutura da língua, nem sua gramática. Apenas a enriqueceram.

Não há como negar o uso do estrangeirismo na língua portuguesa. Vivemos em um mundo globalizado, com a internet acelerando esse processo, possibilitando o contato entre as mais diferentes culturas, as mais diferentes línguas. Dependemos de relações políticas, econômicas, sociais, etc. com outros países, que exercem grande influência em nossa língua, destacando-se atualmente a

predominância do inglês, em virtude do domínio norte-americano no cenário mundial. No entanto, devemos evitar o uso exagerado dos estrangeirismos.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

Identificar as vantagens e as desvantagens do estrangeirismo na língua portuguesa no Brasil.

1.3.2 Objetivos específicos

Esclarecer algumas questões acerca do uso de estrangeirismos, quais sejam, as críticas, os mitos, as proibições, os preconceitos.

Mostrar certos equívocos cometidos por alguns puristas e pelo Deputado Aldo Rebelo, em seu projeto de lei, visando a proteção e a defesa da língua portuguesa no Brasil.

1.4 Metodologia

Este tema foi abordado com base em uma vasta bibliografia, artigos extraídos da internet, além do Projeto de Lei 1.676/99, do Deputado Aldo Rebelo.

Nesta pesquisa foi possível concluir que o uso do estrangeirismo exerce uma grande influência na língua portuguesa no Brasil, e não a descaracteriza, devendo ser aceito desde que sem abusos.

2. ORIGENS E EVOLUÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

A linguagem, que surgiu em virtude da necessidade do homem de se comunicar, é uma de suas maiores habilidades. É a linguagem, juntamente com a capacidade de pensar, que diferencia o ser humano dos demais seres vivos e possibilita que ele se organize socialmente.

A língua é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. É mutável, vive em constante evolução, acompanhando as mudanças do organismo social que a criou (CUNHA & CINTRA, 2008).

A língua portuguesa é uma língua neolatina ou românica que se originou do indo-europeu, por volta do século VII a.C, na região do Lácio, sul da Itália, sendo considerada uma das últimas filhas do latim. Chamada de “a última flor do Lácio” pelo ilustre poeta Olavo Bilac, é falada hoje em cinco continentes (NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA, 2000).

2.3 O surgimento da língua portuguesa

O surgimento da língua portuguesa está ligado ao processo de constituição da Nação Portuguesa. É a continuação ininterrupta, no tempo e no espaço, do latim que chegou à Península Ibérica com a romanização dos povos do oeste e noroeste no início do séc. III a.C (BECHARA, 2006).

No sul da Península Itálica, na região do Lácio, onde foi fundada a cidade de Roma, vivia um povo de cultura rústica, que falava a língua latina, que veio a desempenhar um importante papel na história da civilização ocidental. Com as conquistas do Império Romano, novos povos passaram a se juntar aos romanos, sendo impostos aos dominados os seus hábitos, instituições, padrões de vida, suas leis, sua língua (CUNHA & CINTRA, 2008).

Até a metade do séc. IV a.C, os romanos ainda não haviam feito muitas conquistas externas. Mas, com a Guerra dos Samnitas, iniciada em 326 a.C e terminada em 295 a.C, com a Batalha de Sentino, começou a penetração dos romanos na Península Itálica (CUNHA & CINTRA, 2008).

Foram ocorrendo sucessivas conquistas entre o período de 241 a.C a 107 d.C, sendo subjugados os territórios da Sicília, da Sardenha e da Córsega, da Ilíria,

da costa este e sul da Península Ibérica, dos reinos helenísticos do Oriente, da Gália Cisalpina, da Ligúria, de Cartago e Norte da África, da Macedônia e da Grécia, da Gália Narbonense, da Gália do Norte, da Mésia, do Noroeste da África, do resto da Península Ibérica, da Nórica, da Résia, da Panônia, do resto da Mauritânia, da Bretanha, da Trácia, da Dácia, da Arábia Pétreia, da Armênia e da Mesopotâmia, atingindo o máximo de sua expansão geográfica com a anexação da Dácia (Romênia) (CUNHA & CINTRA, 2008).

Desse modo, ao estenderem seus domínios, os romanos ensinavam e aprendiam com as novas civilizações, propagando sua cultura, suas instituições, e assimilando os hábitos de vida dos povos conquistados.

Desde o séc. III a.C, sob influência grega, o latim escrito foi se aperfeiçoando, até atingir, no séc. I a.C, a perfeição da prosa de Cícero e César, ou da poesia de Horácio. Consequentemente, essa língua literária, praticada pela elite, foi se separando do latim corrente – o latim vulgar –, falado pelos mais variados povos da Itália e das províncias (CUNHA & CINTRA, 2008).

Falado pelos soldados, marinheiros, colonos, funcionários romanos, o latim vulgar foi se diversificando com o tempo, surgindo, assim, as chamadas línguas românicas. Não mais havia no Império, a partir do século III da era cristã, uma unidade linguística, embora as comunidades continuassem interligadas (CUNHA & CINTRA, 2008).

Vale destacar vários fatos históricos que contribuíram para a dialeção.

Em 212, com o Édito de Caracala, foi estendido a todos os indivíduos livres do Império o direito de cidadania, não mais sendo privilegiados os povos de Roma e da Itália. De 284 a 305, Dioclésio tornou obrigatório o uso do latim. Em 330, Constantino transferiu a sede do Império para Bizâncio, a nova Constantinopla. No final do séc. IV, em 395, com a morte de Teodósio, o domínio foi dividido em Império Romano do Ocidente e Império Romano do Oriente. Este último durou até 1453, enquanto que o primeiro permaneceu apenas até 476 (CUNHA & CINTRA, 2008).

No final do séc. V, os falares regionais já se aproximavam mais dos idiomas românicos do que do próprio latim, iniciando-se o período do romance, ou românico, língua vulgar da fase de transição da qual se originam textos redigidos em línguas românicas: francês, espanhol, italiano, sardo, provençal, rético, catalão, português (séc. XIII), franco-provençal, dalmata e romeno (CUNHA & CINTRA, 2008).

Depois do processo de romanização, a Península Ibérica foi invadida pelos germânicos, que trouxeram diversas influências, contribuindo para a fragmentação da língua naquela região.

Já no séc. VII, foi a vez de os árabes invadirem a Península, deixando suas marcas na cultura e na língua, embora sem força suficiente para apagar a forte influência românica já exercida sobre aquele povo.

2.4 A evolução da língua portuguesa

Foi durante o domínio árabe que as características distintivas dos romances peninsulares se acentuaram, constituindo-se uma unidade linguística que se conservou homogênea até a metade do séc. XIV – o galego-português.

No séc. XIII, com os primeiros documentos redigidos em galego-português, se inicia a fase histórica da língua portuguesa. Assim como todos os idiomas, a língua portuguesa está em um constante processo de evolução, no tempo e no espaço.

O processo de evolução do latim ao português atual, segundo José Leite de Vasconcelos, *apud* Cunha & Cintra (2008), pode ser distinguido em cinco etapas:

- a) latim lusitânico, falado na Lusitânia, desde a implantação do latim até o séc. V, não constando nenhum documento;
- b) romance lusitânico, falado na Lusitânia, do séc. VI ao séc. IX, também sem nenhum documento;
- c) português proto-histórico, também falado na Lusitânia, do séc. IX ao séc. XII, com algumas características nos textos bárbaros;
- d) português arcaico, que vai do séc. XIII à primeira metade do séc. XVI, quando a língua começa a ser codificada gramaticalmente; e
- e) português moderno, da segunda metade do séc. XVI até os dias atuais.

Nos sécs. XV e XVI, com os descobrimentos marítimos, os portugueses levaram a sua língua a outras regiões, outros povos, ampliando-se o seu uso de uma forma bastante considerável. A língua portuguesa é hoje a língua oficial do Brasil, de Portugal, de Angola, de Cabo Verde, de Guiné-Bissau, de Moçambique, de São Tomé e de Príncipe e de Timor Leste (CUNHA & CINTRA, 2008).

3. A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

O Brasil, um país imenso, com um território de mais de 8 milhões de quilômetros quadrados, possui um só idioma, e de importância internacional: a rica língua portuguesa.

Embora os portugueses tenham chegado ao Brasil em 1500, a colonização apenas se iniciou em 1532, quando foram criadas as capitanias hereditárias.

Aos portugueses se juntaram os índios, povos nativos da região, depois os escravos trazidos da África. Esses três povos, além de vários outros vindos da Europa, contribuíram fortemente para a formação da população brasileira.

3.5 Fatos históricos

O Brasil, quando aqui chegaram os portugueses, era povoado pelos índios, vindo em seguida, os escravos africanos. Esses três povos se juntaram durante o período colonial, formando-se a nação brasileira.

No início, somente o litoral era colonizado. Com a fundação da cidade de São Paulo em 1554 e a descoberta do ouro em Minas Gerais, no séc. XVIII, os povos foram se instalando no interior do país.

Segundo Teyssier (1997, p. 94), a situação linguística do Brasil nesse período se mostrava da seguinte forma:

Os “colonos” de origem portuguesa falam o português europeu, mas evidentemente com trações específicos que se acentuam no decorrer do tempo. As populações de origem indígenas, africana ou mestiça aprendem o português, mas manejam-no de uma forma imperfeita. Ao lado do português existe a *língua geral*, que é o tupi, principal língua indígena das regiões costeiras, mas um tupi simplificado, gramaticalizado pelos jesuítas e, destarte, tornado uma língua comum. Enfim, muitos povos indígenas conservam os seus idiomas particulares, que se denominam *línguas travadas*.

Durante muito tempo o português e o tupi viveram lado a lado como línguas de comunicação.

Assim, o português e o tupi conviveram bem até o final do séc. XVIII. Mas a obrigatoriedade do uso oficial da língua portuguesa e a proibição da língua tupi pelas leis pombalinas em 1757, a expulsão dos jesuítas do Brasil – os protetores do tupi –bem como a chegada de numerosos imigrantes portugueses, contribuíram para a decadência da língua nativa.

Quando o Brasil se tornou independente em 1822, procurou-se valorizar tudo aquilo que poderia ser diferente de Portugal. Permitiu-se uma infiltração das influências de outras culturas europeias, tais como a francesa, a italiana, a alemã, entre outras.

Por volta de 1870, com o Romantismo, buscou-se a originalidade em nossa língua, para torná-la mais viva e autêntica. E é José de Alencar o maior crítico ao purismo exigido pelos padrões dos escritores portugueses naquela época.

Embora no séc. XIX tivessem surgido escritores adeptos ao tradicionalismo – Machado de Assis e Rui Barbosa, por exemplo –, no séc. XX os escritores procuram “falar” a língua do povo, recheando suas obras de brasileirismos. E, com o Modernismo, a língua falada no Brasil ganha força. Há uma recusa às influências europeias e um esforço para definir uma língua originariamente brasileira e autêntica (TEYSSIER, 1997).

3.6 As principais características do português no Brasil

O português no Brasil possui um vocabulário atual bastante diferenciado do de Portugal. Algumas palavras têm significados bem diferentes, como por exemplo: ônibus no Brasil chama-se autocarro em Portugal. E várias palavras eram escritas de formas diferentes, tais como ação no Brasil, e acção em Portugal. Com a Nova Reforma Ortográfica (que entrou em vigor em 2009), os vocábulos passaram a ser grafados da mesma forma nos países que têm a língua portuguesa como língua oficial.

Os filólogos, de um modo geral, reconhecem que, hoje, o Brasil possui uma originalidade linguística muito rica, em virtude de um processo histórico, e que Portugal possui uma unidade linguística superior incontestável.

No Brasil, as variações dialetais são mais socioculturais do que geográficas. Primeiro, aparece a língua dos cultos; em seguida, a língua vulgar, das camadas menos instruídas; e, por último, os falares regionais e rurais (TEYSSIER,

1997). Além do mais, a tudo isso se juntam os falares de outros povos, uma vez que o Brasil, um país em desenvolvimento, mantém relações econômicas, sociais, políticas, culturais, etc, com várias outras nações.

3.7 O estrangeirismo na língua portuguesa

O estrangeirismo é o uso de palavras, expressões ou construções oriundas de um outro idioma tomadas como empréstimos por uma determinada comunidade. É um fenômeno histórico-social marcante e, no mundo globalizado em que vivemos, propicia, agiliza e facilita os contatos entre diversas nações.

Em todas as épocas, e em toda parte do mundo, especialmente nos dias de hoje, com modernas tecnologias na área de comunicação, a troca de informações entre as mais diferentes culturas e línguas resultam uma circulação de hábitos, moda, produtos de um modo geral, entre outros, propiciando a penetração de vocábulos pertencentes a um determinado idioma em outras línguas. É o que ocorre também com a língua portuguesa.

3.8 As principais contribuições à língua portuguesa no Brasil

O léxico português formou-se com empréstimos do árabe, das línguas germânicas, do italiano, do espanhol, do francês, de línguas africanas, indígenas, entre outras. E é natural que as línguas que têm hegemonia política, em um determinado momento, forneçam maior quantidade de empréstimos que as outras.

Segundo Carvalho (2009, p.17), “os empréstimos linguísticos são tão antigos quanto a história da língua, ou melhor, quanto à própria língua”. Continua a autora: “Eles marcam as influências que uma determinada língua (...) sofreu através dos tempos, pelos elementos estrangeiros que adotou, retrato dos elementos culturais diversos, que também importou”.

O processo de assimilação de palavras estrangeiras não é apenas linguístico, mas também cultural. De um modo geral, os estrangeirismos mais frequentes são os anglicismos (da língua inglesa), predominando no campo dos negócios e dos esportes, e os francesismos ou galicismos (da língua francesa), quando se trata de sutilezas de espírito, sendo utilizados por escritores das mais diversas culturas para expressar uma ideia ou situação sem necessariamente

nomeá-las. Observa-se ainda a presença de vocábulos em espanhol ou castelhano, italiano, árabe, russo, hebraico, japonês, tupi, provenientes de línguas africanas, entre outros (COSTA, 2000).

Convém citar alguns exemplos de contribuições.

- do inglês. O que mais predomina na língua portuguesa no Brasil, em virtude da maior influência, atualmente, na economia e na tecnologia nacional. Alguns exemplos, entre milhares: *breakfast, cooper, peeling, telemarketing, pop rock, start, link*, etc. E os aportuguesados: dólar, clube, sanduíche, panfleto, bife, dólar, gim, futebol, iate, lanche, *meeting*, piquenique, repórter, rosbife, uísque, etc;
- do francês. Provenientes, sobretudo, da influência que as letras francesas exerceram sobre a cultura portuguesa. São inúmeros os francesismos, vários aportuguesados: *tricot* (tricô), *coissant*, *toilette*, vitrina, *bouquet*, *menu*, guichê, pose, *soutien* (sutiã), abajur, *atelier*, batom, carnê, *colant*, robô, chofer, etc.
- do árabe. Foi em Portugal que o léxico recebeu o maior número de arabismos, especialmente nos topônimos e nomes comuns. São mais de 2.000 palavras presentes no léxico português. Algumas delas: algodão, alface, açúcar, azeite, azeitona, cenoura, espinafre, algema, oxalá, muçulmano, jarra, girafa, javali, almofada, arroba, alqueire, alfaiate, arroz, quilate, Bechara, Ibraim, Ismar, Raxide, etc;
- do italiano. A maioria das palavras italianas foi incorporada à língua portuguesa por meio da arte, pictórica, teatral. Exemplos: maestro, piano, pastel, alegre, aquarela, camarim, tenor, trombone, violino, lasanha, salsicha, cantata, madrigal, solfejo, bandolim, ópera, quinteto, violino, etc;
- do russo. Trouxe poucas influências, mas entre elas: cossaco, estepe, rublo, esputinique, vodca, sovieta, samovar, etc;
- do espanhol. Vocábulos referentes à arte coreográfica, entre outros: bolero, castanha, castanhola, cavaleiro, caudilho, botija, fandango, lagartixa, lantejoula, ojeriza, manilha, hediondo, mochila, neblina, pirueta, rebelde, redondilha, trecho, tiracolo, galã etc;

- do turco: alguns exemplos: algoz, horda, lacaio, bergamota, caíque, jaleco, odalisca, sandália, caviar, casaca, etc;
- do polonês. Poucas contribuições ao português. Alguns exemplos: polca, mazurca, blisca, sable, etc.
- do alemão: guerra, norte, sul, realengo, interlândia, Ricardo, etc;
- do chinês: chá, chávena, nanquim, pequinês, etc;
- do japonês: biombo, judô, micado, quimono, nissei, samuria, gueixa, etc.
- do hebraico. Veiculados pela Sagrada Escritura: Páscoa, sábado, Jesus, Maria, etc;
- do tupi: macumba, vatapá, maxixe, quilombo, marimbondo, abacaxi, buriti, carnaúba, mandacaru, ipê, peroba, canjarana, imbuia, araticum, capivara, quati, sucuri, araponga, urubu, saci, caipora, Aracaju, Guanabara, carioca, etc.
- das línguas africanas: vatapá, abará, acarajé, candomblé, molambo, orixá, cafuné, senzala, mocambo, moleque, maxixe, samba, etc.

De acordo com a origem das palavras, consideram-se, por um lado, as provenientes do latim e, por outro, as de origens diversas. Quanto a estas, pode-se destacar o estrangeirismo, que, são vocábulos de um idioma incorporados em outra língua. No Brasil, atualmente, diversos vocábulos se misturam à língua portuguesa e expressões de origem inglesa, francesa, italiana, japonesa, tupi, etc., como já citado anteriormente.

A influência do estrangeirismo no Brasil é considerada por alguns, especialmente pelos linguistas, uma fonte de enriquecimento da língua; mas é combatida por alguns “puristas”, que entendem que a invasão de palavras estrangeiras danifica, degrada, denigre e desnacionaliza a língua portuguesa, comprometendo, assim, a identidade de um povo.

O uso do estrangeirismo tem sido alvo de inúmeras discussões, especialmente em virtude do Projeto de Lei 1.676/99, do Deputado Aldo Rebelo, que dispõe sobre a sua proibição. Envolvendo políticos, linguistas, gramáticos, bem como toda a sociedade, tornou-se um problema público e político. E é exatamente a respeito do uso e abusos do estrangeirismo no Brasil que trata o tópico seguinte.

4. O USO E OS ABUSOS DO ESTRANGEIRISMO NO BRASIL

O léxico parte mais sensível de uma língua, é o agrupamento de forma que tiveram origem em diversas outras línguas. É resultado da história de um povo, de seus contatos, das divisas internacionais de trabalho num dado momento, da convivência entre vários países. Desses contatos com outros povos, outras culturas, outras línguas, surgem os estrangeirismos, que são meios de renovação lexical.

A língua portuguesa não é uma unidade, não é um veículo de cultura uniforme. No caso do português no Brasil, o maior número de empréstimos é atualmente, proveniente da língua inglesa, mais precisamente dos Estados Unidos, considerados paradigmas de desenvolvimento. Não é por acaso que há uma adoção indiscriminada de nomes próprios em inglês, sobretudo nos estratos sociais urbanos, bem como nas designações de estabelecimentos comerciais, estes presentes nos grandes centros e também nos mais afastados lugarejos (CARVALHO, 2009).

Carvalho (2009, p. 37), a respeito de mudanças linguísticas, afirma:

A língua se faz mediante mudanças que são manifestações de criatividade na linguagem. Mas estudar mudanças não consiste apenas em estudar alterações e desvios.

As necessidades expressivas se renovam, porque o homem não pensa e diz aquilo que pensou e disse antes. Como a língua não é um produto pronto e acabado, ela se refaz continuamente e se fundamenta em modelos anteriores. Ela é dinâmica, porque a atividade linguística é falar e entender algo novo por meio de uma língua.

Assim, esse dinamismo da língua é resultante de alguns fatores: da convivência de populações diferentes em um mesmo território, como por exemplo, os empréstimos árabes deixados à língua da Península Ibérica; do predomínio cultural de um país em determinada época, como a penetração dos italianismos na língua portuguesa na época renascentista; e do poder econômico de uma nação sobre outras, que leva, junto com sua tecnologia, com sua ciência, sua língua (CARVALHO, 2009).

Desse modo, torna-se muito difícil, hoje, evitar os empréstimos linguísticos, uma vez que a situação político-econômica mundial faz com que outras línguas se incorporem a outros idiomas. E é a partir da frequência de uso de palavras que se detecta qual língua exerce mais influência sobre outro idioma. E a língua que

exerce maior influência na língua portuguesa, atualmente, sem dúvida, é a globalizada língua inglesa (CARVALHO, 2009).

Segundo Guedes, a defesa da língua portuguesa – manifestação conservadora, elitista e excludente – teve início há muito tempo, em 1757, quando o Governo de Portugal proibiu o uso do tupi, a língua geral, falada pelos índios. Proibiu e mandou prender, torturar e até matar aqueles que não falassem somente o português (in FARACO, Carlos Alberto (org). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001).

Em 1999, Aldo Rebelo, Deputado Federal, enviou para votação o Projeto de Lei 1.676/99, dispondo sobre “a promoção, proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa”. A proposição original foi aprovada na Comissão de Educação, Cultura e Desporto da Câmara dos Deputados, recebendo duas emendas. Foi encaminhada ao Senado e aprovada, nos termos de um substitutivo. Agora se encontra na Câmara, casa de origem, aguardando parecer da Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania.

O Projeto de Lei 1.676/99 tem por objetivo proibir o uso desnecessário de palavras estrangeiras e, assim, valorizar a língua nacional. A justificativa do projeto se faz com base em argumentos segundo os quais o homem simples terá grande dificuldade diante do excessivo, e desnecessário, uso de palavras de outras línguas, bem com a língua portuguesa ficará descaracterizada. Esse projeto se encontra em tramitação, ainda não foi aprovado, e já se tornou alvo de polêmicas, gerando fortes discussões e controvérsias a respeito do uso do estrangeirismo na língua portuguesa no Brasil.

Na justificativa de seu projeto de lei, Aldo Rebelo assim o sustenta:

A História nos ensina que uma das formas de dominação de um povo sobre outro se dá pela imposição da língua. Por quê? Porque é o modo mais eficiente, apesar de geralmente lento, para impor toda uma cultura – seus valores, tradições, costumes, inclusive o modelo socioeconômico e o regime político.

(...)

De fato, estamos a assistir a uma verdadeira descaracterização da língua portuguesa, tal a invasão indiscriminada e desnecessária de estrangeirismos – como “holding”, “recall”, “franchise”, “coffe break”, “self service” – e de aportuguesamentos de gosto duvidoso, em geral despropositados – como “startar”, “printar”, “bidar”, “atachar”, “database”. Isso vem ocorrendo com voracidade e rapidez tão espantosas que não é exagero supor que estamos na iminência de comprometer, quem sabe até truncar, a comunicação oral e escrita com o nosso homem simples do campo, não afeito às palavras e expressões e importadas, em geral do inglês norte-americano, que dominam o nosso cotidiano, sobretudo

a produção, o consumo e a publicidade de bens, produtos e serviços, para não falar das palavras e expressões estrangeiras que nos chegam pela informática, pelos meios de comunicação de massa e pelos modismos em geral. Ora, um dos elementos mais marcantes da nossa identidade nacional reside justamente no fato de termos um imenso território com uma só língua, esta plenamente compreensível por todos os brasileiros de qualquer rincão, independentemente do nível de instrução e das peculiaridades regionais de fala e escrita. Esse – um autêntico milagre – está hoje seriamente ameaçado.

Que obrigação tem um cidadão brasileiro de entender, por exemplo que uma mercadoria “on sale”, significa que esteja em liquidação? Ou que “50% off” quer dizer 50% a menos no preço? Isso não é apenas abusivo: é enganoso. E à medida que tais práticas se avolumam (atualmente de uso corrente no comércio das grandes cidades), tornam-se também danosas ao patrimônio cultural representado pela língua.

E em entrevista concedida à Revista *Isto é*, Rebelo, que chegou a ser chamado de xenófobo e autoritário, afirma que a língua portuguesa, culta e bela, está ultrajada, e o objetivo de seu projeto não é proibir o uso de palavras estrangeiras, e sim melhorar o ensino da língua portuguesa (disponível em <http://ufpi.br?mestletras/arquivos/file/r_%REFERÊNCIAS>. Acesso em 30 abr. 2009).

Manifestando-se a favor do projeto, o Senador Ronaldo Cunha Lima, em pronunciamento irônico e sarcástico, descreveu um cotidiano hipotético recheado de palavras estrangeiras (disponível em <<http://www.novomilenio.inf.br/idioma/19981112.htm> >. Acesso em 1º mai. 2009):

Fui ao freezer, abri uma coca *diet* e saí cantarolando um *jingle*, enquanto liga meu *disc player* para ouvir uma música *new age* precisava de um relax. Meu *check up* indicava *stress*. Dei um *time* e fui ler um *bestseller* no living do meu *flat*. Desci ao *playground*, depois fui fazer o meu *cooper*. Na rua, vi novos *outdoors* e revi velhos amigos do *footing*. Um deles comunicou-me aquisição de uma nova *maison*, com quatro suítes e até convidou-me para o *opens house*. Marcamos, inclusive, um *happy hour*.

Tomaríamos um *drink*, um *scotch*, de preferência *on the rocks*, o *bar man*, muito *chic*, parecia um *lord* inglês. Perguntou-me se eu conhecia o novo *point society* da cidade: *Times Square*, ali no Gilberto Salomão, que fica perto do *Gaf*, o *La Basque* e o *Baby Beef*, com serviço a *la carte* e *self service*.

(...) Voltei para casa, ou aliás, para o *flat*, pensando no *day after*. O que fazer? Dei boa noite ao meu chofer que, com muito *fair play* respondeu-me: *Good night*.

O Deputado Cunha Lima, como se pode observar, posicionando-se a favor da proibição do uso exagerado dos estrangeirismos, manifestou-se especialmente contra o uso de anglicismos.

A discussão acerca desse projeto se resume em dois questionamentos: se é necessário proibir o uso dos estrangeirismos por meio de lei; e se esse projeto for aprovado, ou seja, se se tornar lei federal, se surtirá efeitos.

Quanto aos empréstimos linguísticos, Cunha (1981, p. 31), um dos mais renomados gramáticos da língua portuguesa, se posiciona da seguinte forma:

Na realidade, o problema do empréstimo linguístico não se resolve com atitudes reacionárias, com estabelecer barreiras ou cordões de isolamento à entrada de palavras e expressões de outros idiomas. Resolve-se com dinamismo cultural, com gênio inventivo do povo. Povo que não forja cultura dispensa-se de criar palavras com energia irradiadora e tem de conformar-se, queiram ou não queiram os seus gramáticos, à condição de mero usuário de criações alheias.

Também Bechara (2006), outro grande gramático e linguista brasileiro, manifesta-se argumentando que estrangeirismo é léxico, e não gramática. É uma janela para o mundo, da qual, por meio do contato entre as línguas, surgem as novidades. Mas sugere que se deve evitar o uso dos estrangeirismos quando se tem um termo em português que seja equivalente. E acrescenta, à p. 599:

Os estrangeirismos léxicos que entram no idioma por um processo natural de assimilação de cultura ou de contiguidade geográfica assumem aspecto de sentimento político-patriótico que, aos olhos dos puristas extremados, trazem o selo da subserviência e da degradação do país. Esquecem-se de que a língua, como produto social, registra, em tais estrangeirismos, os contatos de povos. Este tipo de patriotismo linguístico (...) é antigo e revela reflexos de antigas dissensões históricas. Bréal lembra que os filólogos gregos que baniam os vocábulos turcos do léxico continuavam, à sua moda, a guerra de independência. (...). Entre nós o repúdio ao francesismo ou galicismo nasceu da repulsa, aliás, justa, dos portugueses aos excessos dos soldados de junot quando Napoleão ordenou a invasão de Portugal. O que se deve combater é o excesso de importação de línguas estrangeiras, mormente aquela desnecessária, por se encontrarem no vernáculo palavras e giros equivalentes. A introdução de uma palavra estrangeira para substituir uma vernácula em geral se explica pela debilidade funcional da palavra ameaçada de substituição.

Com efeito, no mundo globalizado em que vivemos, os estrangeirismos se incorporam com muita facilidade e rapidez. Por isso, se faz necessário muito critério e bom-senso, devendo-se evitar os empréstimos linguísticos desnecessários, para que não prejudiquem a comunicação entre os falantes.

Sobre o PL 1.676/99, Bagno critica a ideia daqueles que se acham no direito de opinar acerca do comportamento das pessoas em matéria de linguagem. Afirma que “Querer legislar sobre o uso individual da língua, além de autoritário (...),

é perfeitamente inútil, já que não se pode legislar sobre o que uma pessoa vai ou não pensar“(in FARACO, Carlos Alberto (org). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001, p. 57).

Segundo Bagno, quando se proibiu o uso da língua geral no Brasil, os vínculos do povo brasileiro com seus ancestrais indígenas foram rompidos, ou seja, “esmagou na semente o que pudesse vir a ser a constituição de uma identidade nacional verdadeira” (in FARACO, Carlos Alberto (org). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001, p. 47). Não tivesse sido assim, não seria preciso buscar uma identificação com outros povos, com outras culturas. Hoje, a realidade linguística no Brasil é marcada pela diversidade. E os brasileiros têm preconceitos com relação a outras línguas, preconceitos advindos do complexo de inferioridade, do desejo de se aproximarem, o máximo possível, do padrão ideal: antes o europeu; hoje, o norte-americano.

Referindo-se à sintaxe e morfologia da língua, Bagno (idem), á página 74. cita um exemplo: “O office-boy flertava a baby-sitter no hall do shopping center”. Segundo argumenta, não há alteração da estrutura da língua, pois, embora os termos sejam de língua estrangeira, as regras de sintaxe e morfologia da língua portuguesa são obedecidas.

Faraco, sustentando que a língua é viva, que se fortalece com o contato com outras línguas, também comentando a respeito do referido projeto, afirma (in FARACO, Carlos Alberto (org). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001, p. 44):

A situação, contudo, é bem mais complexa do que aparenta. É importante observar que o referido projeto agrada incondicionalmente aos xenóforos, aos nacionalistas canhestros, aos autoritários em geral... E não agrada a esses segmentos sociais por mero acaso. O projeto se sustenta nesses segmentos sociais (o que fica bastante óbvio quando se lê sua justificativa); e, ao mesmo tempo, os sustenta.

Há, no projeto, um indisfarçável controle social da pior espécie, daquele que, ignorando a heterogeneidade e a dinâmica da vida cultural, quer impor o homogêneo e o único.

Seguindo esse mesmo entendimento, Fiorin sustenta que a língua acompanha as mudanças da sociedade e da cultura em que se insere, e onde se desenvolve. As variações são inerentes às línguas, uma vez que existem os jovens, os mais velhos, os que têm uma profissão, outros têm outra, uns habitam uma região, outros habitam outra. O uso dessa distinção é um meio de inclusão num

desses grupos, dando-lhe identidade (*in* FARACO, Carlos Alberto (org). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001).

Referindo-se ao PL 1.676/99, Carvalho (2009) afirma que o projeto de lei de Aldo Rebelo é pura idealização, pois se baseia em uma concepção de que a língua é homogênea, igualitária e estática. Além do mais, segundo a autora, o deputado está tão preocupado com os empréstimos do inglês como os puristas de outrora estavam preocupados com os galicismos.

Segundo entendimento do jornalista Humberto Martins (*apud* John Robert Shimitz), é impossível se regular uma língua por decreto, somente se se tratar de mudança de ortografia. Mas faz um apelo para o bom-senso com relação ao uso exagerado de palavras estrangeiras. Para Martins, algumas palavras não possuem termos equivalentes em português, como por exemplo, *smoking*, *shopping*, *slogan*, etc. Já outras, são desnecessárias, como por exemplo *serial Killer*, “assassino em série” (*in* FARACO, Carlos Alberto (org). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001

Deve-se estabelecer, conforme entendimento de Machado, uma regra com relação aos estrangeirismos: fazer guerra contra aqueles inúteis e intrusos – utilizados por ignorância ou pedantismo – e dar boas-vindas àqueles que forem expressivos e úteis. Querer substituir algo pelo que não lhe corresponde é caminhar para o insucesso. Usar *coupon*, por exemplo, opondo-lhe bilhete, talão, título, etc, não corresponde exatamente ao sentido posto daquela palavra. E acrescenta (MACHADO, p. 8):

A tal respeito ocorre o caso do inglês *test* (de resto já aportuguesa do graficamente em teste), vocábulo hoje muito utilizado. A seu respeito um purista confessou: “parece-me impossível evitá-lo”, mas logo a seguir, acrescentou: “apesar de lhe equivalerem muitos termos vernáculos e expressões, tais como: exame, prova, verificação, prova de avaliação de saber, ensaio, verificação de aprendizagem, exame, crítica, experiência, etc”. A leitura desta transcrição, no seu conjunto, dá ideia aproximada do que, na verdade, é um teste, mas talvez só no seu conjunto, o que, obviamente, não acontece com cada um dos elementos propostos, como seria desejável e preferível. Repare até nos dois casos de perífrase, recurso que não serve para o fim em vista: obter um equivalente (uma palavra, um vocábulo), não uma explicação.

Verifica-se, realmente, que há exageros no uso de estrangeirismos no português do Brasil, especialmente com relação às palavras inglesas, sobretudo em

virtude de pedantismo e ignorância do falante. Além desses abusos com relação ao uso de empréstimos linguísticos, existem vários outros casos que vale a pena citar: as gírias; as hesitações, tais como “entendeu?”, ok?”; o uso dos adjetivos ilustre, eminente, nobre, etc, pelos parlamentares em geral. Mas, segundo afirma John Shimitz, é impossível proibir quaisquer desses tipos de abusos por decreto (*in* FARACO, Carlos Alberto (org). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001),

Para Fiorin, “uma política linguística só existe quando há escolha, seja entre diferentes variedades linguísticas, seja entre diferentes línguas”. E, segundo o mesmo autor, o léxico é formado por um fundo comum, que é fixo – tão resistente quanto a gramática –, por construções vernaculares (derivação, sufixação, parassíntese, composição e prefixação), bem como por empréstimos linguísticos, de acordo com a época. Nenhum desses empréstimos altera o léxico fundo comum, que continua vernáculo quanto antes (*in* FARACO, Carlos Alberto (org). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 200, p.107).

Compreender uma língua, ou não, ou compreender uma variedade dela é um problema de escolaridade do cidadão, e não de nacionalidade da língua. Possenti afirma que um camponês, por exemplo, não saberá o que é “printar” pelo fato de o computador não fazer parte de seu dia-a-dia; e não porque o termo é um empréstimo da língua inglesa ou porque é simplesmente um camponês (*in* FARACO, Carlos Alberto (org). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001).

Além do mais, trata-se de um equívoco considerar o uso dos estrangeirismos como desnacionalização ou empobrecimento da língua. Um léxico sempre pode crescer, e receber novos sentidos, mas isso dificilmente se faz por meio de decreto. Apesar da visibilidade dos empréstimos, eles se restringem em algumas áreas, são pouco numerosos. Não produzem mudanças na natureza da língua. São, na verdade, responsáveis pelo enriquecimento dela. Além do mais, é a gramática que constitui a língua, e, nesse domínio, a gramática se encontra de forma absolutamente intocável (*in* FARACO, Carlos Alberto (org). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001).

A decisão quanto à legitimidade de um empréstimo linguístico cabe à comunidade, por meio de um consenso tácito, após certo tempo. As tentativas de

regular, coibir ou promover o uso de palavras “emprestadas” de outros idiomas são, portanto, inúteis. Esses empréstimos sempre existiram e sempre existirão. Eles são incorporados naturalmente à língua, tornando-se difícil identificar a origem dos termos tomados como empréstimos. Essas tentativas de reprimi-los, segundo afirma Pedro Garcez, contribuem para a crença de que o Brasil é um país de unidade linguística, igual para todos, e assim, para o fortalecimento do preconceito lingüístico (*in* FARACO, Carlos Alberto (org). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001).

A língua se move, não é estática. Mas nem todas as alterações são aceitas, porque tudo é selecionado pela comunidade, que somente aceita aquilo que é funcional, que corresponda a uma necessidade e que se adapta às circunstâncias do momento. Assim, diante dessa mutabilidade, os empréstimos podem entrar ou sair de uma língua, caso motivem a formação de um termo vernáculo para substituí-los ou se tornem desnecessários. A terminologia do futebol oferece alguns exemplos: *goal keeper* – goleiro; *back* – zagueiro; *penalty* – penalidade máxima, etc (CARVALHO, 2009).

Segundo Zilles, os falantes que decidem se os termos permanecem ou se desaparecem. De modo não-consciente, há um acordo tácito, que se passa despercebido. A língua, primeiro é falada, e somente depois passa a ser escrita, sofrendo um processo de adaptação fônica, morfológica, sintática ou semântica. Os falantes introduzem elementos em outros contextos, sejam linguísticos, sejam culturais. Além do mais, a realidade linguística brasileira possui uma diversidade de dialetos que compõem o idioma nacional. Um dos motivos para que essas adaptações sejam bloqueadas é a necessidade de os falantes sinalizarem valores sociais e, assim, produzir efeitos diante de seus interlocutores (*in* FARACO, Carlos Alberto (org). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001),

A maioria dos gramáticos considera os estrangeirismos vícios de linguagem quando utilizadas palavras ou expressões estrangeiras desnecessárias. No entanto, essa maioria não considera vício de linguagem o emprego de palavras de outra língua, desde que já se encontrem incorporadas ao vocabulário da língua portuguesa e consagradas pelo seu uso. Por exemplo, algumas palavras, como o verbo “deletar”, já estão “abrasileiradas”; outras são usadas da forma original, como *overbook*, *outdoor*; e outras, absolutamente dispensáveis, que poderiam ser

trocadas por um termo correspondente nacional, como *delivery* “por entrega em domicílio.

Almeida (1999, p. 507), a respeito da incorporação de palavras em uma língua, assim se manifesta: “O que determina a fixação de uma palavra no vocabulário de uma língua é, sem dúvida, o procedimento caprichoso da escolha (...), a ponto de rejeitar o que é prata de lei para substituir por desprezível escória.

Segundo esse autor, quem determina se a palavra vai cair, permanecer, ou renascer, é o uso, pois é este que impõe a regra da linguagem.

Observa-se que atualmente o fator responsável pela valorização dos estrangeirismos, especialmente os de origem norte-americana, é a globalização, o contato diário com a língua inglesa. Herdamos várias características da cultura americana, tais como o modo de andar em grupos, as comidas semiprontas, a música, a variedade de filmes de Hollywood, entre outros hábitos. E o uso de termos em inglês, segundo Adriano Senkvics, em seu artigo na internet “Língua portuguesa e estrangeirismo”, dá a ideia de domínio não só da língua portuguesa, mas também da língua estrangeira, assim como parece elevar o status do falante (disponível em <<http://letrasdespidas.wordpress.com/>>. Acesso em 30 abr. 2009).

Segundo Arnaldo Niskier, membro da Academia Brasileira de Letras, em artigo “A Língua Portuguesa no séc XXI”, a língua portuguesa cresceu, tendo em vista a introjeção de vários termos ligados ao estrangeirismo, provenientes, em sua maioria, do desenvolvimento científico e tecnológico. Niskier cita, como exemplos, as palavras teleducação (educação a distância), acessar (entrar), decasségui (trabalhador brasileiro no Japão), internet, etc. E continua (disponível em <<http://www.academia.org.br/abl/cgicgilua.exe/sys/start.htm?infoid=24548&sid=19>>. Acesso em 2 mai. 2009):

Não há como conter esse crescimento, mesmo que, por vezes, seja ele fruto do que o crítico Wilson Martins chama de “desnacionalização” linguística, ou, para ser mais forte, de um lamentável “linguicídio”, palavra que aliás, consta do nosso Vocabulário.

Os franceses reagiram de forma veemente a essa agressão ao seu idioma pelos anglicismos que se tornaram universais, em virtude, sobretudo, da força econômica dos Estados Unidos. A globalização só ajuda nessa expansão. Entre nós, somos vítimas ou beneficiários desse processo. Vítimas, se considerarmos a pureza da língua de Machado de Assis, e beneficiários, se pensarmos na inserção do país na comunidade das nações desenvolvidas.

De qualquer modo, finaliza Niskier, é preciso evitar os “exageros imitativos”.

Com o propósito de defender e valorizar a cultura e o idioma português, foi criado o Movimento Nacional em Defesa da Língua Portuguesa – MNDLP, organização não-governamental, com sede na Baixada Santista, já com estruturas em vários pontos do Brasil. José Luiz Oliveira, em seu artigo publicado na internet sob o título “Freio no estrangeirismo”, se posiciona, referindo-se ao seu uso exagerado (disponível em <<http://www.novomilenio.inf.br/idioma/20000814.htm>>. Acesso em 3 mai 2009):

Se toda a sociedade se envolver, certamente descobriremos o caminho para livrar a Língua Portuguesa dos ataques nocivos. Já temos um esboço. As posições radicais, embora devam ser manifestadas a respeitadas, parecem fora de questão. Vetar o estrangeirismo como caso particular de xenofobia é tão vesgo quanto adotá-lo indiscriminadamente em nome de um mundo globalizado, sem fronteiras de língua, que é a condutora e protetora da cultura de um povo.

Há de se reconhecer a contribuição das palavras estrangeiras, devidamente aportuguesadas, ao nosso idioma, mas é preciso rechaçar com toda força a inserção delas, em sua forma bruta, na publicidade e nos meios de comunicação, como se não tivéssemos correspondentes na Língua Portuguesa. Tolices como dizer *linkar* em vez de “ligar” (no sentido de por em comunicação) estão cada vez mais presentes no dia-a-dia do brasileiro.

O certo é que o Português precisa e deve ser protegido, mas não pode ficar imune às influências enriquecedoras, venham elas do estrangeiro ou de um inventor de palavras como Guimarães Rosa. Afinal, é uma língua viva.

O escritor português José Saramago, que se recusa a pronunciar a palavra *mouse* (ele chama a peça de rato mesmo), poderia contribuir e muito nessa discussão. Falando recentemente sobre a atração que as palavras estrangeiras exercem sobre os brasileiros, ele afirmou não entender por que bradamos tanto contra a colonização se no fundo gostamos de ser colonizados. Podemos partir daí.

A respeito, Millôr Fernandes, escritor cuja carreira é marcada pela inquietação com a linguagem, ao ser interrogado se o estrangeirismo empobrece a língua portuguesa, assim respondeu (disponível em <<http://brasiliano.wordpress.com/2008/05/05/millorfernandes-o-senhor-das-palavras/>>. Acesso em 30 abr. 2009):

De maneira nenhuma. Antigamente, tivemos palavras como porta-seios, uma coisa muito feia, que felizmente foi substituída pelo galicismo *sutiã*. Toda língua é invadida e, como mulher, fecundada... Houve tempo em que o galicismo era uma aberração. Não se podia escrever “amante”, mas “amásia”. Era assustador. Uma vez, era menino, escrevi um conto em que um cara sai pela rua gritando: “Assassinato! Assassinato! Quiseram que eu

colocasse, por respeito à língua, “assassínio”, pra evitar “galicismo”. Quem sai à rua gritando “Assassínio!” é bicha.

Acerca dos excessos, assim se manifestou:

O estrangeirismo não me incomoda. É evidente que essa coisa pouco natural de importar outra língua é muito Barra da Tijuca (bairro da elite carioca), é esse negócio de Estátua da Liberdade e gesso colocada na porta. Pode haver a penetração que quiser, mas é preciso fazer as coisas que nos soa naturais... Eu, por exemplo, escrevo aquilo que chega até mim, naturalmente. Devo ter sido a primeira pessoa a escrever a palavra whisky na forma “uísque”. E ficou. Uso “saite” no lugar de site, que está consagrada. Os portugueses usam “sítio” e é legítimo. A língua é assim, arbitrária. Se dependesse só do meu arbítrio, aí eu faria uma moção pros órgãos oficiais. Não há porquê do Banco do Brasil usar “delivery” quando poderia simplesmente fazer “entrega em domicílio”. Os órgãos oficiais brasileiros não podem fazer esse tipo de coisa.

Segundo Millôr, as influências hoje são muito interativas, permutantes, e o mundo todo se aproxima por meio do inglês. Esse idioma já influenciava à época em que a Inglaterra reinava — e continuou influenciando —, pois, com a decadência do “império britânico”, surgiu, com mais força, o “império americano”.

Para ilustrar a acumulação de estrangeirismos na língua portuguesa no Brasil, provenientes dos contatos, especialmente com o povo norte-americano, interessante citar a música “Samba do *aproach*”, composta por Zeca Baleiro, interpretada por ele e Zeca Pagodinho, e gravada pela *Pollygram* do Brasil (disponível em <<http://letras.terra.com.br/zeca-pagodinho/158462/> ->. Acesso em 2 abr. 2009):

Venha provar o meu *brunch*
 Saiba que eu tenho *aproach*
 Na hora do *lunch*
 Eu ando de *ferryboat*
 Eu tenho *savoir-faire*
 Meu temperamento é *light*
 Minha casa é *hi-tech*
 Toda hora rola um *insight*
 Já fui fã do *Jethro*
 Hoje me amarro no *Slash*
 Minha vida agora é *cool*
 Meu passado é que foi *trash*
 Fica ligada no *link*
 Que eu vou confessar meu *love*
 Depois do décimo *drink*
 Só um bom e velho *engov*

Eu tirei o meu *green card*
 E fui para *Miami Beach*

Posso não ser um *pop star*
 Mas já sou um *noveaiu ric*
 Eu tenho *appeal*
 Saca só meu *background*
 Veloz como *Demom Hill*
 Tenaz como *Fittipaldi*
 Não dispense um *happy end*
 Quero jogar num *dream teen*
 De dia um cacho *man*
 E de noite um *drag queen*

Convém, ainda, citar trechos da música “Estrangeirismos”, composta por Carlos Silva e Sandra Regina, que retrata bem as influências do inglês na língua portuguesa, importadas especialmente dos Estados Unidos da América (disponível em <<http://letras.terra.com.br/carlos-silva/1093608/>>. Acesso em 5 mai. 2009):

Outro dia me chamaram para ir ao McDonald’s comermos cheese burgers.
 O salão estava lotado e fizemos o pedido por um tal de drive thru.
 Os colegas percebendo a minha irritação, disseram: se tu tiver com pressa, eles têm um sistema delivery maravilhoso.
 Desacostumado com esse linguajar, chamei os cabras: vamos simhora
 (...)
 Seguimos mais adiante avistamos um restaurante bonito e luxuoso e na porta de entrada uma luz néon piscando escrita OPEN.
 Quando olhei pro chão, pude ver estampado um capacho com uma bandeira americana me convidando: WELCOME. Ao adentrarmos naquele recinto, eu pude observar na sua decoração, e nas paredes estava escrito: ICE CAKE, CHEESE CAKE, CHEESE BURGER E FAST FOOD.
 Eu pensei comigo FOOD na Bahia a gente USA numa outra situação.

Observa-se que, nessas músicas, os compositores usam o exagero para criticar, de uma forma bem humorada, o uso dos estrangeirismos na língua portuguesa no Brasil.

Várias discussões, comentários e análises têm sido feitos a respeito da língua portuguesa, não só da língua falada ou da língua escrita, mas também sobre suas variantes, a norma culta, a respeito dos conceitos de linguagem, sobre a questão da dominação, sobre a questão de se ter uma língua única e pura, sobre a identidade nacional e especialmente sobre o uso, ou mais ainda, sobre os abusos dos estrangeirismos pelos brasileiros.

Na concepção purista da língua, a língua “pura” seria uma língua “limpa”, sem a incorporação de palavras estrangeiras, ou seja, preservada de empréstimos e mais ainda protegida do seu uso exagerado. Visam, então, os “puristas” a conservação de uma língua imutável, conservada em sua integridade e juventude. Referindo-se a essa concepção, Bréal (1992) afirma que os “puristas” acreditam que

a língua se assemelha à pureza da raça, motivo pelo qual entendem que a palavra estrangeira representa uma contaminação que deve ser repudiada.

Entretanto, sabe-se que, desde os primórdios, o homem não pertence apenas a um único grupo étnico ou nacional, uma vez que ele necessita fazer comunidades que compartilhem ideais (BRÉAL, 1992). Diferentes grupos sentem a necessidade de se encontrar, trocar experiências, e isso se faz por meio da ciência, da música, filmes, literatura, moda, garantindo, assim, a incorporação de uma língua à outra.

Segundo Mattoso Câmara Jr (2006), a língua não é propriedade privada – tudo é socializado. A variabilidade da língua se faz no espaço, na hierarquia social, no tempo, e de indivíduo para indivíduo, visando alcançar maior expressividade na comunicação.

No atual cenário mundial não é diferente. A língua, em virtude do mundo globalizado, por meio dos avanços da ciência e tecnologia vem, cada vez mais, ultrapassando barreiras, no campo político, econômico e sociolinguístico. E é nesse cenário mundial, de intercâmbio social, cultural, político, econômico, que as línguas influenciam as outras e de outras sofrem múltiplas influências.

5. CONCLUSÃO

A presente monografia buscou fazer uma reflexão acerca da influência do estrangeirismo na língua portuguesa. Procurou esclarecer os mitos sobre o uso de empréstimos linguísticos e demonstrou a importância deles em nossa língua. Constatou-se que são elementos enriquecedores, mas que não devem ser usados de forma abusiva, o que pode tornar a linguagem pedante, esnobe e de difícil compreensão.

A língua é um organismo vivo, nunca acabado, está em constantes transformações. Não é estática, imutável, inerte. Sempre foi assim, e assim sempre será.

É importante anotar que o processo linguístico e suas contribuições foram e sempre serão importantes para a composição do sistema lexical de todas as línguas. Entretanto, devem-se preservar os termos já existentes na língua portuguesa, em manifestação de amor ao nosso idioma.

O estrangeirismo se encontra presente em todas as línguas do mundo. É um fenômeno natural. Os empréstimos linguísticos surgem das relações entre os povos, em virtude de processos de colonização, de miscigenação, ou seja, da interação entre culturas diferentes, de línguas diferentes.

Observa-se se assim que o uso de empréstimos linguísticos por todos os povos não é uma prática nova, vem ocorrendo desde que o homem buscou novas regiões para dominar e ampliar os seus impérios. Mas, sem dúvida, fatos e descobertas recentes têm provocado uma modificação considerável no uso do estrangeirismo.

A globalização é responsável pelo rompimento de barreiras entre várias nações, de forma rápida e dinâmica. Integra e conecta diferentes comunidades, facilitando a troca de informações por meio de um poderoso aparato tecnológico de

comunicação. E as pessoas vão se adaptando aos diferentes estilos de ser, de operar e de comunicar-se.

Após a década de 80, com o processo de informatização e com o surgimento da rede mundial de computadores, o fenômeno da comunicação de massa se intensificou. O desenvolvimento de novas tecnologias, especialmente da internet acarretou uma verdadeira revolução cultural, que passou a influenciar o comportamento dos indivíduos de uma forma bastante rápida e dinâmica.

O Brasil, formado por um território gigantesco, um dos maiores países do mundo em extensão, mantém sua unidade linguística, com um idioma comum, plenamente compreensível por todos os brasileiros, independente do grau de instrução ou espaço geográfico. E esse é o elemento mais marcante da nossa identidade nacional.

A língua portuguesa, todavia, como ocorre com todas as outras línguas, sofre interferências de outros idiomas, bem como também os influencia. E nos últimos séculos, tem-se percebido uma presença mais intensa da língua inglesa em nosso idioma. O domínio econômico, científico e tecnológico da Inglaterra, e atualmente dos Estados Unidos da América, tem interferido de forma avassaladora, impondo seus valores e trazendo com estes os empréstimos linguísticos.

Assim, percebe-se que o motivo da valorização dos estrangeirismos em inglês é o contato cotidiano com a língua inglesa, mais precisamente com os norte-americanos, em virtude da globalização. Alguns brasileiros exageram, por acreditarem que o uso de palavras ou expressões da língua inglesa passa uma ideia de *status*, de comportamento fino e elegante.

Percebendo, e refletindo, sobre os exageros no uso do estrangeirismo no Brasil, o Deputado Aldo Rebelo, em 1999, encaminhou à Câmara dos Deputados o Projeto de Lei 1.676/99, em defesa da língua portuguesa, visando a proibição de palavras estrangeiras na comunicação social e escrita no país. Foi, assim, aberta uma discussão, gerando debates entre linguistas, gramáticos puristas, políticos, jornalistas, etc, tornando-se uma questão social.

Com o Projeto 1.676/99, o deputado pretende que, ao se tornar uma lei, seja proibido o uso desnecessário de palavras ou expressões que podem facilmente ser trocadas por similares em português, visando a sua preservação como elemento de identidade nacional.

A discussão em torno desse projeto mostrou-se muito importante, uma vez que propiciou a contraposição de opiniões acerca do uso do estrangeirismo na língua portuguesa, especialmente entre os puristas e os linguistas brasileiros.

Sabe-se que o Brasil, cuja língua nativa era a tupi, ao ser colonizado por Portugal, adotou como padrão a língua portuguesa. Empregaram-se, ainda, em virtude da escravização, os empréstimos linguísticos das línguas africanas. Então, houve um uso concomitante da língua portuguesa, da língua nativa e das africanas. Além do mais, a língua portuguesa, àquela época, já registrava empréstimos linguísticos provenientes de outros idiomas europeus.

O Brasil abriga pessoas das mais diversas regiões do mundo há várias gerações. Com isso, a miscigenação vem propiciando a incorporação de outras línguas em nosso idioma. Além disso, devido à globalização, as pessoas vêm absorvendo os costumes de várias culturas do mundo com mais intensidade e muito mais rapidez.

Desse modo, o estrangeirismo é simplesmente uma consequência das relações entre os povos. No Brasil, essa tendência apresenta registros históricos, desde o período da colonização, quando Portugal e a Europa eram referência para o povo brasileiro. Atualmente, evidencia-se uma presença maciça de palavras advindas da língua inglesa, em virtude do desejo de se estruturar um padrão de vida baseado no cotidiano americano.

Com efeito, o Brasil não tem uma cultura muito expressiva no cenário mundial, motivo por que o povo acaba se conformando com a condição de usuário de criações alheias. O acesso fácil às informações, ao conhecimento de novas tradições, a novos costumes, por meio, especialmente da internet, pode ser benéfico, mas esse processo de multiculturalismo pode acarretar o declínio de conceito de sociedade local.

O estrangeirismo encontra lugar privilegiado na língua portuguesa. Não distingue sexo ou idade, e se consolida também nas relações comerciais. Os puristas querem eliminar essas “anomalias” injetadas na nossa cultura, buscando conservar a língua portuguesa livre de qualquer influência estrangeira.

Sem razão os puristas, uma vez que a língua é dinâmica e mutável. A língua portuguesa já nasceu com influências de outras línguas, que, por sua vez, já eram influenciadas. Nenhuma nação vive isolada e afastada completamente do

restante do mundo. As transformações fazem parte do curso natural das línguas, e os empréstimos linguísticos contribuem para o seu enriquecimento.

Assim, a tentativa de Aldo Rebelo, em seu projeto de lei, bem como dos “puristas”, de proibir o uso do estrangeirismo na língua portuguesa, se mostra inócua, uma vez que as manifestações de linguagem ultrapassam os mecanismos linguísticos e concretizam transformações sociais e delimitações culturais. Quem muda uma língua e quem nela manda são os seus falantes.

É importante ressaltar que não se pode, em um mundo globalizado, em que as relações acontecem de forma intensa, principalmente em virtude da internet e da televisão, isolar uma cultura ou uma língua. As barreiras entre os povos foram rompidas e, nessa relação entre eles, formou-se um multiculturalismo, transformando a linguagem das mais diversas nações. Assim, tudo caminha para uma interseção de línguas.

Deve-se reconhecer a contribuição de palavras estrangeiras, aquelas devidamente aportuguesadas, enriquecedoras do nosso idioma. No entanto, devem-se condenar aquelas presentes nos meios de comunicação, que possuem um termo correspondente na língua portuguesa, como, por exemplo, o uso de *linkar* em vez de “ligar”, *delivery* em lugar de “entrega em domicílio, etc.

Embora considere louvável a iniciativa do Deputado Aldo Rebelo, com seu projeto, a proibição do uso de estrangeirismo por meio de lei me parece tão inútil quanto proibir desvios gramaticais e gírias. Além de o brasileiro ter dificuldades de cumprir leis, não será possível fiscalizar diálogos, propagandas publicitárias, músicas, o registro de nome pessoas, de mercadorias, de estabelecimentos comerciais, etc.

Enfim, os empréstimos tomados de outras línguas não descaracterizam a língua portuguesa, enriquecem-na. Mas deve-se usar o bom-senso e evitar o emprego abusivo de palavras estrangeiras.

6. REFERÊNCIAS

a) Bibliográficas

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 44 ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 50 ed. São Paulo, 2008.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2006.

BRÉAL, M. **Ensaio de semântica**. Trad. Brás, São Paulo, Pontes/Educ. 1992.

MATTOSO CÂMARA JR, José. **Estrutura da língua portuguesa**. 38 ed. Petrópolis, 2006.

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos linguísticos**. São Paulo, Cortez, 2009.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 46 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 2005.

COSTA, Sérgio Correia da. **Palavras sem fronteiras**. Rio de Janeiro, Record, 2000.

CUNHA, Celso Ferreira. **Língua portuguesa e realidade brasileira**. 8ª ed. atual. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.

CUNHA, C. & CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

FARACO, Carlos Alberto (org). **Estrangeirismos: guerras em torno da língua (org)**. 1ª ed. São Paulo, 2001.

MACHADO, José Pedro. **Estrangeirismos na língua portuguesa**. Editorial Notícias, Coletânea Linguística, S.D.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa** (tradução de Celso Cunha). São Paulo: Martins Fontes, 1997.

b) Eletrônicas

FERNANDES, Millôr. **O senhor das palavras**. Disponível em <<http://brasiliano.wordpress.com/2008/05/05/-millor-fernandes-o-senhor-das-palavras/>> . Acesso em 30 abr. 2009.

OLIVEIRA, José Luiz. **Freio no estrangeirismo**. Disponível em <<http://www.novomilenio.inf.br/idioma/20000814.htm>>. Acesso em 3 mai 2009.

LIMA, Cunha. **Língua portuguesa e os anglicismos**. Disponível em <<http://www.novomilenio.inf.br/idioma/19981112.htm>>. Acesso em 1º de mai. 2009.

PAGODINHO, Zeca. **Samba do *aproach***. Letras de músicas. Disponível em <<http://letras.terra.com.br/zeca-pagodinho/158462/> - >. Acesso em 2 abr. 2009.

NISKIER, Arnaldo. **A língua portuguesa no séc. XXI**. Disponível em <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=2454&sid=19>>. Acesso em 2 mai. 2009.

REBELO, Aldo. **A legislação contra estrangeirismos no português brasileiro**. Revista *Isto é*, 25 out. 2000. Disponível em <http://www.ufpi.br/mestletras/arquivos/file/r_%20REFERENCIAS>. Acesso em 30 abr. 2009.

SENKVICS, Adriano. **Língua portuguesa e estrangeirismo**. Disponível em <<http://letrasdespidas.wordpress.com>>. Acesso em 30 abr. 2009.

SILVA, Carlos. **Estrangeirismo**. Disponível em <<http://letras.terra.com.br/carlos-silva/1093608/>>. Acesso em 3 mai. 2009.

c) Documento jurídico

BRASIL. Projeto de lei 1.676, de 15 de setembro de 1999. Dispõe sobre a defesa e o uso da Língua Portuguesa e dá outras providências. Parecer da Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania, publicado no DCD de 8/2/2008, pág. 591, Col. 1, Letra E.